

DEU A LOUCA NOS CONTOS DE FADAS: REFLEXÕES SOBRE CINDERELA E BRANCA DE NEVE A PARTIR DO CINEMA

Fábio Augusto Steyer¹

É impressionante a diversidade de filmes que a cada ano invadem os cinemas e os lares como novos produtos de nosso mercado cultural dirigidos a crianças, jovens e – por que não – adultos. Como já não há muitas idéias novas na cabeça dos diretores e roteiristas, o que pode ser percebido com a crescente onda de refilmagens e readaptações de obras há muito tempo produzidas, um dos “modismos” cinematográficos dos últimos anos têm sido as paródias. Os gêneros mais parodiados ultimamente são o terror (“Todo Mundo em Pânico”, de 2000, já teve quatro continuações!) e os filmes infantis, especialmente aqueles baseados nos contos de fadas. É justamente nesta última categoria que se enquadram os objetos de nossa análise: “Deu a Louca na Cinderela”, de Paul Bolger (EUA/Alemanha/2007), e “Deu a Louca na Branca de Neve”, de Steven Gordon (EUA/2009), não apenas parodiam os clássicos de Walt Disney como também fazem referência às versões de Charles Perrault e dos Irmãos Grimm, além de vários outros elementos da contemporaneidade.

No I Congresso Internacional de Leitura e Literatura Infantil e Juvenil, realizado na PUCRS, em 2008, apresentei trabalho com temática semelhante, analisando os filmes “Xuxa Abracadabra” (Brasil/2003) e “Deu a Louca na Chapeuzinho” (EUA/2005), pensando os mesmos a partir dos conceitos de Eni Orlandi (1987), de “discurso autoritário” e “discurso lúdico”. Um dos aspectos mais interessantes daqueles filmes é a forma com que “bagunçam” a ordem natural das narrativas e personagens. O primeiro faz com que personagens da vida real entrem no mundo dos contos de fadas e vice-versa. E o segundo apresenta quatro versões para a mesma história (de Chapeuzinho Vermelho, do Lobo Mau, da Vovó e do Lenhador), além da versão definitiva apresentada no roteiro. É desta forma que o “autoritário” se transforma em “lúdico”.

De lá para cá, passados dois anos, pouco mudou. Parece-me apenas que essas paródias, que “desorganizam”, no bom sentido, a ordem natural dos filmes clássicos e de suas versões literárias originais, cada vez mais aparecem como produtos banalizados

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) / Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG)

dentro de nosso mercado cultural. Ou seja: é aquela velha história de que dentro de uma cultura de massa mesmo os produtos que procuram “desbanalizá-la” acabam sendo incorporados pela banalização geral, tornando-se igualmente banalizados. Esse jogo de palavras é chato, mas é o que parece acontecer: os “discursos lúdicos” acabam sendo incorporados pela cultura de massa e se tornam igualmente “autoritários”. De qualquer forma, cabe aqui analisar os dois filmes em questão e pensar em formas possíveis para sua utilização no ensino que sejam capazes de torná-los úteis ao professor no processo de ensino-aprendizagem – menos autoritários e mais lúdicos; mais abertos e plurais e menos fechados.

“Deu a Louca na Cinderela” e “Deu a Louca na Branca Neve” seguem a onda de “Deu a Louca na Chapeuzinho”, o que fica óbvio nas traduções do título para o português. Na verdade, não têm nada a ver com o filme da menina de capuz vermelho, embora ambos, estes sim, sejam um a continuação do outro. Os títulos originais (“Happily N'Ever After 1 e 2”) fazem referência à idéia de acabar com os finais felizes, o que, por si só, revela a proposta de “bagunçar” os contos de fadas em questão. No entanto, como veremos mais adiante, não é isso que acontece no final...

Ambos os filmes têm como personagens o javali Manco e a raposa Mambo. Os dois são funcionários de um mago, chefe do Departamento de Segurança da Terra dos Contos de Fadas, e são responsáveis por controlar uma balança que equilibra o bem e o mal em todas as histórias, sempre pendendo, obviamente, para o bem e os finais felizes. Manco cumpre seu papel com responsabilidade. Já Mambo, entediado com os finais sempre felizes e monótonos das narrativas, volta e meia tenta modificar as histórias, muitas vezes ajudando os vilões, mesmo sem querer. Em certo momento do filme (“Deu a Louca na Cinderela”) ele pergunta a seu companheiro: “Por que não deixar a Rapunzel careca ou com cabelo rastafari? Ou então os 7 anões com dois metros de altura”? Seriam formas de acabar com a monotonia geral dos contos.

Em “Deu a Louca na Cinderela”, o narrador é Rick, o criado do príncipe. Ele vai e volta na história para contar tudo o que acontece, e esse vaivém acaba sendo um recurso interessante para desmontar a ordem natural da narrativa. Depois de contar ao espectador uma série de elementos do enredo e características das personagens principais (como afirmar que a “fada madrinha é meio doidinha” e que o “príncipe encantado não tem muitos encantos”) ele diz: “Agora, sim, pode mostrar o título (do filme). Uma musiquinha mais animada, por favor”.

A idéia do filme é basicamente essa: uma personagem secundária ou uma pessoa comum, como Rick, também pode se tornar principal e ter um final feliz. Diz ele: “Não sou nem mocinho nem vilão. Trabalho na cozinha”. No final das contas, portanto, o final é feliz mesmo. O “lúdico” acaba aparecendo a partir de uma série de elementos que entremeiam a narrativa, mas que no final convergem para o “autoritário”. Até porque tanto nos filmes quanto na literatura infantil e juvenil há uma série de personagens comuns, simples, que se tornam heróis e terminam com final feliz. Aliás, não seria esse inclusive um chavão dessas histórias? A pessoa pobre, do povo, que tem um final feliz? A própria Cinderela não faria parte desse rol de personagens?

Entre outros tantos elementos interessantes do filme, podemos destacar a participação dos 7 anões, que, com todo um aparato militar, ajudam Cinderela e seus amigos a derrotar os vilões, que são recrutados por sua madrasta (Frida) para acabar com as forças do bem e com os finais felizes. Os anões elogiam Cinderela, quando esta usa armamentos: “Ela tem pontaria, coisa que a Branca de Neve não tinha”.

As descrições de Manco sobre Rapunzel (“dá um lucro danado para a indústria de xampu”) e Chapeuzinho Vermelho (“lanchinho preferido de todo lobo mau”) também não deixam de ser sacadas legais. Outro momento engraçado é quando Cinderela beija um sapo, mas nada acontece. Manco diz: “Valeu a tentativa!”

A interação entre uma personagem (a vilã Frida) e aqueles que controlam a balança dos contos de fadas (Manco e Mambo) também não deixa de ser um aspecto inventivo da narrativa. Afinal, a torre em que está a sede do Departamento de Segurança dos Contos de Fadas está localizada em cima do castelo do príncipe, onde será realizado o baile. Frida descobre e toma o comando, bagunçando todas as histórias e convocando os vilões para trabalharem a seu lado. No final, derrotada, ela suplica: “Só quero um final infeliz. É pedir muito”?

Com as atrapalhões do príncipe (que cai do cavalo, bate a cabeça num tronco e é capturado por trolls) Rick acaba ficando com Cinderela, que no final do filme diz que “não é um final feliz, mas um começo”. Rick complementa com a “moral” da história: “Até um sujeito comum pode ter um final feliz”.

Em “Deu a Louca na Branca de Neve”, a grande diferença é que as meninas e donzelas das histórias infantis são apresentadas como as adolescentes de hoje: só pensam em festas, roupas, maquiagem e rapazes, usam celulares e almejam uma vida típica de nossa sociedade de consumo, extremamente materialista e repleta de modismos e elementos fugidios e passageiros. Assim, Branca de Neve, Chapeuzinho Vermelho e

Cachinhos Dourados, “as garotas mais populares nas terras dos contos de fadas”, foram a fila nas entradas das festas, onde têm direito à sala vip e outras regalias, e torcem o nariz para a presença de camponeses (a “ralé”) nas mesmas.

O problema é que o “príncipe” de Branca de Neve é justamente alguém originário da tal “ralé”. Sir Peter é um camponês que acaba ajudando Branca de Neve, Manco e Mambo a acabarem com as pretensões de Lady Vaidosa, a mulher horrorosa que desde menina desejava se tornar rainha.

O pai de Branca de Neve, o rei, cansado das peraltices adolescentes da filha (“Criar uma filha é mais complicado do que cuidar do reino”, diz ele), vai à agência de encontros (!) da fada madrinha em busca de uma nova rainha. Com a ajuda de seu assessor (o Senhor Grimm, referência óbvia), ele deve escolher entre várias candidatas. Entre elas, a Bela Adormecida, que dorme na entrevista com a fada e é rejeitada. A escolhida acaba sendo Lady Vaidosa, que trama juntamente com Mambo, o espelho mágico e o duende Rumpelstiltskin, para ficar parecida com a antiga rainha.

O duende, no famoso episódio da maçã envenenada, fala com Branca de Neve como se ela fosse o lobo mau (“que olhos grandes você tem, que cabelos enormes, etc. e tal”), para desespero da vilã da história. Depois de comer a maçã, Branca de Neve passa a falar mal de todas as suas amigas, que ficam furiosas com ela. Mais tarde, com a ajuda de Peter, Mambo e Manco, ela encontra os 7 anões, que a fazem se tornar uma pessoa boa, como sua mãe. Se antes nossa heroína só pensava em si e nas suas festas, deixando as obras sociais do reino de lado, agora ela não só conserta o nariz de Pinóquio e reconstrói as casas dos três porquinhos como também funda o Centro de Ajuda da Branca de Neve. No final, todos os aspectos “lúdicos” da narrativa se transformam no “autoritário” final feliz, com direito inclusive a “foram felizes para sempre”. Mais uma vez a promessa do título, de acabar com os finais felizes, não é cumprida. E temos um final pra lá de convencional.

Portanto, pelo que se disse até aqui, é possível perceber claramente que a aparente pretensão de “bagunçar” os contos de fadas através da paródia, misturando personagens de várias histórias, invertendo papéis e inserindo elementos da contemporaneidade, embora interessante, acaba por convergir em narrativa pra lá de tradicional. Mesmo se analisados sob o ponto de vista exclusivamente cinematográfico, os filmes seguem à risca as regras do cinema clássico e linear (ou de um regime de imagens-movimento, como diria o filósofo francês Gilles Deleuze); mesmo que alguns

deslocamentos temporais, como a narração de Rick, em “Deu a Louca na Cinderela”, procurem inverter a ordem natural dos acontecimentos.

Embora diversos elementos presentes nos filmes levem o espectador a uma visão mais plural das histórias, a narrativa propriamente dita, por si só e cinematograficamente falando, é totalmente convencional, no final das contas. O importante, nestes casos, na minha opinião, seria trabalhar com os filmes originais de Walt Disney, com as versões literárias tradicionais (Dos Grimm e de Perrault) e também com as paródias. Além disso, os próprios alunos poderiam criar suas versões das histórias. Quanto mais plural, melhor. Agora, só com os filmes analisados neste trabalho, o discurso, por mais sofisticado que seja em seu objetivo de parodiar os originais, é mais “autoritário” do que “lúdico”.

Que “deu a louca nos contos de fadas”, isso não há dúvida. Mas poderia ser um pouco mais...

Referências

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. Campinas: Pontes, 1987.

PELBART, Peter Pál. *O tempo não-reconciliado: imagens do tempo em Deleuze*. São Paulo: Perspectiva, 1998.

STEYER, Fábio Augusto. Literatura e cinema: algumas sobre a produção voltada para o público infantil. In: *Letras de Hoje*, v. 43, nº 2. Porto Alegre: EDIPUCRS, abril/junho de 2008, p. 34-35.